



HAN
KANG

A VEGETARIANA

ROMANCE
VENCEDOR DO MAN BOOKER INTERNATIONAL PRIZE



D. QUIXOTE

1

A vegetariana

Antes de a minha mulher se ter tornado vegetariana, sempre pensei nela como alguém que não tinha rigorosamente nada de especial. Para dizer a verdade, quando nos conhecemos, nem sequer me senti atraído por ela. Altura mediana; cabelo cortado a direito, nem curto nem comprido; pele amarelada, com um aspeto pouco saudável; maçãs do rosto ligeiramente pronunciadas; o seu ar tímido e frágil disse-me tudo o que precisava de saber. Quando se aproximou da mesa a que eu já estava sentado, não consegui deixar de reparar nos sapatos que trazia – os sapatos pretos mais vulgares que se possa imaginar. E aquele andar – nem apressado nem vagaroso, nem firme nem afetado.

No entanto, embora não tivesse nada de muito atraente, nada tinha também de repulsivo e, por isso, não havia motivo para que não nos casássemos. A personalidade passiva dessa mulher em quem eu não conseguia detetar frescura, nem encanto, nem nada de particularmente refinado, servia-me na perfeição. Não precisei de fingir inclinações intelectuais para a conquistar, nem afligir-me com a possibilidade de ela me comparar com os homens embonecados que enchem os catálogos de moda, e ela também não ficava aborrecida se, por acaso, eu chegava atrasado a um dos nossos encontros. A barriga que começara a aparecer-me aos vinte e tal anos,

as pernas magricelas e os antebraços que, por mais que me esforçasse, se recusavam terminantemente a ganhar músculo, ou o complexo de inferioridade que costumava ter por causa do tamanho do meu pênis... Podia ficar descansado, não tinha de preocupar-me com nada disso por causa dela.

Preferi sempre uma vida mediana. Na escola, decidi andar com aqueles que eram dois ou três anos mais novos para poder ser eu a mandar, em vez de correr riscos juntando-me aos da minha idade; e, mais tarde, candidatei-me a uma universidade com base apenas na probabilidade de conseguir uma bolsa que cobrisse largamente as minhas necessidades. Por fim, fixei-me num emprego em que recebia um ordenado decente em troca do cumprimento diligente das tarefas que me eram atribuídas, numa empresa cuja pequena dimensão faria com que valorizassem inevitavelmente as minhas competências banais. E, por isso, era natural que me casasse com a mulher mais trivial do mundo. As mulheres bonitas, inteligentes, sensuais, filhas de famílias ricas – essas teriam acabado por perturbar a minha existência tão cuidadosamente ordenada.

Correspondendo às minhas expectativas, ela mostrou ser uma esposa absolutamente comum, que encarava as coisas sem desagrado nem frivolidade. Levantava-se todos os dias às seis da manhã para fazer sopa e arroz e, normalmente, também algum peixe. Desde a adolescência que ela contribuía para o rendimento familiar com trabalhos em *part-time*. Acabara por se tornar monitora no curso de Computação Gráfica que frequentara durante um ano e fora, ainda, contratada por uma editora de banda desenhada para inserir as falas nos balões, trabalho que podia fazer a partir de casa.

Era uma mulher de poucas palavras. Raramente me pedia alguma coisa e, por muito tarde que eu chegasse a casa, nunca

discutia comigo. Mesmo quando, por acaso, estávamos ambos de folga, não lhe passava pela cabeça sugerir que saíssemos juntos. Enquanto eu passava a tarde sem fazer nada, agarrado ao comando da televisão, ela fechava-se no quarto. O mais provável era que passasse o tempo a ler, e esse era praticamente o seu único passatempo. Por qualquer razão insondável, a leitura era uma coisa que a absorvia mesmo – lia livros que, pelo aspeto, deviam ser tão maçadores que eu jamais conseguiria obrigar-me sequer a passar além da capa. Só à hora das refeições é que ela abria a porta e emergia silenciosamente lá de dentro para fazer a comida. Verdade seja dita que, com aquela mulher e aquele estilo de vida, era improvável que houvesse algo de particularmente estimulante nos meus dias. Mas, por outro lado, se tivesse uma daquelas mulheres cujo telemóvel toca de manhã à noite com chamadas de amigos ou colegas, ou cujas queixas acabam sempre por levar a discussões aos berros com os maridos, iria de certeza sentir-me muito grato quando ela se fartasse de mim.

A única coisa em que a minha mulher se revelava invulgar era no facto de não gostar de usar sutiã. Quando eu era jovem, ainda mal saído da adolescência, e namorava com ela, pousei-lhe por acaso a mão nas costas e notei a falta do cós do sutiã por baixo da camisola. Ao aperceber-me do que isso significava, comecei a sentir-me bastante excitado. Para ter a certeza de que ela estaria a tentar passar-me alguma mensagem, olhei-a fixamente com outros olhos durante um ou dois minutos, procurando analisar a sua atitude; mas depressa concluí que, de facto, ela não estava a tentar transmitir-me nenhum sinal. Então, seria apenas preguiça ou pura despreocupação? Não conseguia tirar aquilo da cabeça. Nem sequer se dava o caso de ela ter uns seios bem delineados que se

adaptassem ao *look* «sem sutiã». Teria, na verdade, preferido que ela andasse com um daqueles sutiãs almofadados para eu poder salvar a face perante os meus amigos.

Mesmo no verão, quando conseguia convencê-la a vestir um, ela desapertava-o um minuto depois de sair de casa. O fecho aberto notava-se perfeitamente sob os seus *tops* finos e de cores claras, mas ela não parecia minimamente preocupada com isso. Tentei censurá-la por ela preferir vestir um casaco em vez do sutiã naquele calor de rachar. Ela procurou justificar-se dizendo que não suportava andar de sutiã porque lhe apertava os seios e que, como eu nunca usara tal coisa, não conseguia compreender como era incómodo. No entanto, eu sabia que havia muitas outras mulheres que, ao contrário dela, não tinham nada contra sutiãs, e comecei a duvidar daquela sua hipersensibilidade.

Em tudo o resto, a nossa vida de casados corria sem percalços. Estávamos a aproximar-nos do quinto aniversário de casamento e, como nunca estivéramos loucamente apaixonados um pelo outro, conseguíamos evitar aquele estado de cansaço e tédio que pode transformar um casamento num verdadeiro tormento. O único senão era que, como decidíramos adiar a ideia de ter filhos até arranjarmos casa própria, o que só acontecera no último outono, às vezes punha-me a pensar se alguma vez chegaria a ouvir aquele som reconfortante de um bebé a balbuciar «papá» referindo-se a mim. Até um certo dia, em fevereiro passado, em que me cruzei de madrugada na cozinha com a minha mulher, ainda em camisa de dormir, nunca pensara na possibilidade de a nossa vida em comum poder sofrer uma mudança tão radical.

*

– Que estás aí a fazer?

No momento em que ia acender a luz da casa de banho, parei de repente, apanhado de surpresa. Eram mais ou menos quatro da manhã, e eu tinha acordado com sede por causa do vinho e do *soju* que bebera ao jantar, o que também significava que estava a demorar mais tempo do que era normal a raciocinar.

– Ouviste? Perguntei-te o que estás a fazer.

Já estava frio que bastasse, mas ver a minha mulher naqueles preparos arrepiou-me. Qualquer dormência induzida pelo álcool que ainda restasse dentro de mim desapareceu de imediato. Ela estava de pé, imóvel, diante do frigorífico. O seu rosto ficara na penumbra e, por isso, não conseguia distinguir-lhe a expressão, mas todas as opções possíveis me deixaram transido de medo. Tinha o cabelo preto no ar, completamente desgrenhado, e vestia a habitual camisa de dormir branca pelos tornozelos.

Numa ocasião como aquela, a minha mulher teria enfiado rapidamente um casaco de malha e ido procurar os chinelos. Há quanto tempo estaria ela ali – descalça, com uma camisa de noite de verão, direita que nem um fuso, completamente absorta, indiferente à minha pergunta insistente? Encontrava-se de costas para mim, imóvel, mas de uma forma tão pouco natural que parecia uma espécie de fantasma, resistindo em silêncio.

Que estaria a acontecer? Se não me ouvia, talvez estivesse a ter um ataque de sonambulismo.

Aproximei-me dela e curvei o pescoço para tentar ver-lhe o rosto.

– Porque é que estás aqui assim? Passou-se alguma coisa?

Quando lhe pousei a mão no ombro, fiquei surpreendido com a sua total ausência de reação. Não tinha dúvi-

das da minha sanidade e de que aquilo estava realmente a suceder; tinha perfeita consciência de tudo o que fizera desde que viera da sala e lhe perguntara o que estava a fazer, encaminhando-me na sua direção. Era ela que aparentava uma indiferença total, como se estivesse perdida no seu próprio mundo. Parecia uma daquelas raras ocasiões em que à noite, absorvida por uma série na televisão, nem dava por que eu chegava a casa. Mas o que é que poderia estar a captar tanto a sua atenção no brilho pálido da porta branca do frigorífico, por entre a escuridão de breu da cozinha, às quatro da manhã?

– Então?

O seu perfil deslizou na minha direção, emergindo do escuro. Reparei-lhe nos olhos, brilhantes mas não febris, no momento em que os seus lábios se entreabriram lentamente.

– ... Tive um sonho.

A sua voz era surpreendentemente clara.

– Um sonho?! De que raio estás para aí a falar? Sabes que horas são?

Ela voltou-se, ficando de frente para mim, e depois saiu devagar da cozinha e foi para a sala. Para aí entrar, esticou o pé e empurrou calmamente a porta. Eu fiquei sozinho na cozinha às escuras e continuei a olhar em vão, até a silhueta dela ser engolida para lá da porta.

Acendi a luz e entrei na casa de banho. A vaga de frio mantinha-se há vários dias, com temperaturas a rondarem os dez graus negativos. Tinha tomado um duche poucas horas antes, pelo que os meus chinelos de plástico ainda estavam frios e molhados. A solidão daquela estação cruel estava a começar a fazer-se sentir, entrando pela abertura negra da grelha do ventilador, deslizando sobre os azulejos brancos e cobrindo o chão e as paredes.

Quando voltei para a sala, a minha mulher estava deitada, com os joelhos puxados para o peito, no meio de um silêncio tão profundo que parecia que eu me encontrava ali sozinho. Claro que só podia ser imaginação minha. Se ficasse imóvel, sustivesse o fôlego e tentasse escutar, ouviria o som débil da sua respiração vindo do lugar onde estava. Contudo, não parecia aquela respiração profunda e cadenciada de alguém que adormeceu. Se tivesse esticado o braço e pousado a mão sobre ela, teria certamente sentido o calor da sua pele. Mas não consegui tocar-lhe. Nem sequer me apetecia chegar a ela por meio de palavras.

Na manhã seguinte, logo depois de ter aberto os olhos, no curto lapso de tempo em que a realidade estava ainda longe de definir os seus contornos habituais, continuei deitado, aconchegado no edredão, distraído a contemplar o sol de inverno que se escoava para dentro do quarto através da cortina branca. Nesse momento de abstração, olhei por acaso para o relógio de parede e dei um salto mal vi as horas; abri a porta com um pontapé e saí apressadamente do quarto. A minha mulher estava diante do frigorífico.

– Estás doida? Porque é que não me acordaste? Sabes que ho...?

Pisei qualquer coisa com o pé, o que me fez parar a meio do que estava a dizer. Não conseguia acreditar no que via.

Ela estava de cócoras, ainda em camisa de noite, o cabelo desgrenhado e emaranhado numa massa informe em redor do rosto. À sua volta, o chão da cozinha encontrava-se coberto de caixas herméticas e sacos de plástico, de tal forma espalhados que não havia sítio onde pôr os pés sem pisar alguma coisa. Carne de vaca para o *shabu-shabu*, carne

de porco, duas peças de lombo de vaca, choco num saco estanque, enguia fatiada que a minha sogra nos tinha mandado havia séculos lá da terra dela, sacos de bolos congelados ainda por abrir e uma quantidade infundável de molhos e outras coisas impossíveis de identificar, arrancadas das profundezas do frigorífico. Havia um ruído de fundo, uma espécie de ruge-ruge: a minha mulher punha as coisas que estavam à sua volta, uma a uma, dentro de sacos do lixo. Acabei por perder a cabeça.

– Mas o que é que te deu? – gritei.

Ela continuou a deitar os bocados de carne para dentro dos sacos, aparentemente com o mesmo alheamento em relação à minha presença que mostrara na noite anterior. Carne de vaca, carne de porco, bocados de frango, pelo menos duzentos mil *wons* de enguias de água salgada.

– Perdeste a cabeça? Por que raio estás a deitar isso tudo fora?

Abri caminho, aos tropeções, por entre as caixas e os sacos de plástico e agarrei-a pelo pulso, tentando obrigá-la a parar o que estava a fazer. Incrédulo perante a sua resistência, por momentos quase hesitei, mas a minha indignação era tão grande que rapidamente me deu força para a dominar. Enquanto massajava o pulso avermelhado, ela disse, no mesmo tom de voz normal e calmo que utilizara antes:

– Tive um sonho.

Outra vez aquelas palavras. A sua expressão ao olhar para mim estava absolutamente inalterada. Nesse preciso momento, o meu telemóvel tocou.

– Porra!

Comecei a procurá-lo nos bolsos do casaco que atirara para cima do sofá da sala na noite anterior, até que, finalmente, no último bolso, os meus dedos alcançaram o aparelho recalcitrante.

– Desculpe. Surgiu um problema, um assunto familiar urgente, e por isso... Peço muita desculpa. Vou para aí o mais depressa possível. Não, vou já sair. Agradeço que espere apenas um pouco mais. Peço imensa desculpa. Pois, agora não posso falar...

Desliguei o telemóvel e corri para a casa de banho. Fiz a barba tão à pressa que me cortei em dois sítios.

– Nem sequer engomaste a minha camisa branca?

Não houve resposta. Limpei-me e fui procurar a camisa do dia anterior no cesto da roupa suja. Felizmente não estava demasiado enrugada. A minha mulher não se deu uma única vez ao trabalho de espreitar da cozinha durante o tempo todo em que estive a arranjar-me, pondo a gravata à volta do pescoço como se fosse um cachecol, calçando as peúgas e pegando no portátil e na carteira. Em cinco anos de casados, era a primeira vez que tinha de ir para o trabalho sem ela me ajudar a despachar ou se despedir de mim.

– Endoideceste. Estás completamente louca!

Enfie os pés nos sapatos que tinha comprado havia pouco, ficavam-me apertados e magoavam-me os pés, abri a porta da rua e saí a correr. Vi que tinham chamado o elevador do último andar e, por isso, descí num ápice os três lanços de escada. Só depois de ter conseguido saltar para dentro da carruagem do metro, quando este já começava a pôr-se em andamento, é que tive tempo de ver como estava pelo reflexo da minha cara na janela escura da carruagem. Passei os dedos pelo cabelo, apertei a gravata e tentei alisar as rugas da camisa. A expressão estranhamente serena da minha mulher e a sua voz incongruente firme surgiram-me na mente.

Tive um sonho – dissera-mo duas vezes. Para lá da janela, na penumbra do túnel, vislumbrei de relance o seu rosto – era o seu rosto, mas não me era familiar, como se estivesse a vê-lo

pela primeira vez. No entanto, porque tinha apenas meia hora para arranjar uma desculpa decente que justificasse o meu atraso a um cliente e ainda alinhar uma proposta para a reunião que ia ter, não podia perder tempo a pensar no comportamento estranho da minha mulher, ela própria cada vez mais estranha. Decidi, pois, que haveria de arranjar maneira de sair mais cedo do escritório (sem me preocupar com o facto de que, desde que tinha assumido as minhas novas funções, não houvera um único dia em que tivesse saído antes da meia-noite) e preparar-me para uma discussão.

Um bosque escuro. Sem ninguém. As folhas das árvores de pontas aguçadas, os meus pés feridos. Um lugar quase familiar, mas agora estou perdida. Assustada. Com frio. Do outro lado da ravina gelada, uma casa vermelha a lembrar um celeiro. Um tapete de palha que passa para lá da porta e o vento levanta. Enrolo-o e entro, e aqui dentro é isto: uma longa vara de bambu cheia de bocados de carne vermelha espetados, com o sangue ainda a escorrer. Tento passar para lá da carne, mas esta nunca mais acaba e não há saída. Já tenho sangue na boca e a roupa ensopada de sangue cola-se à pele.

Acaba por aparecer uma saída. Corro, corro pelo vale até que, de repente, surge um bosque. Árvores cobertas de folhas, a luz verde da primavera. Famílias a fazerem piqueniques, crianças a correrem de um lado para o outro e aquele cheiro, aquele cheiro delicioso. Quase doloroso de tão vívido. O regato rumorejante, as pessoas a estenderem esteiras de junco para se sentarem, a petiscarem kimbap. Churrascos de carne por entre o barulho de pessoas a cantarem e a rirem de alegria.

Mas o medo. As minhas roupas ainda molhadas de sangue. Esconde-te, esconde-te atrás das árvores. Põe-te de cócoras, não deixes que ninguém te veja. As minhas mãos sujas de sangue. Sangue na minha boca. Que tinha eu feito naquele celeiro? Metera à força

aquela massa crua vermelha dentro da boca, sentira-a espichar sobre as minhas gengivas e o céu da boca, pegajosa do sangue carmim.

Mastigava algo que parecia tão real, mas não poderia ser, nunca. O meu rosto, a expressão dos meus olhos... era, sem sombra de dúvida, o meu rosto, mas nunca o tinha visto. Ou não, não era o meu, mas parecia-me tão familiar... nada fazia sentido. Familiar e, apesar disso, não... aquela sensação tão nítida, estranha, horrivelmente sinistra.

A minha mulher tinha posto na mesa, para o jantar, alface e massa de soja, sopa de algas sem a habitual carne ou amêijoas, e *kimchi*.

– Mas que raio...? Quer dizer que, por causa de um sonho ridículo qualquer, decides deitar a carne toda fora? Já pensaste no quanto essa carne *custou*?

Levantei-me da cadeira e abri o frigorífico. Estava praticamente vazio – as únicas coisas que restavam eram farinha de miso, pó de chili, chili congelado e um pacote de alho picado.

– Faz-me uns ovos estrelados. Hoje estou mesmo esganado. Nem sequer almocei decentemente.

– Também deitei fora os ovos.

– *O quê?*

– E deixei de beber leite.

– Isto é inacreditável. Estás a dizer-me para não comer carne?

– Não podia deixar aquelas coisas continuarem no frigorífico. Não seria correto.

Como era possível que fosse tão egoísta? Fixei os seus olhos baixos, a sua expressão calma de autodomínio. Só a ideia de que ela podia ter este lado egoísta, de alguém que fazia o que lhe apetecia, era já inconcebível. Quem diria que ela podia ser tão insensata?

– Portanto, estás a dizer-me que de agora em diante vai deixar de haver carne cá em casa?

– Pensando bem, tu geralmente só tomas o pequeno-almoço em casa. E deves comer muitas vezes carne ao almoço e ao jantar, por isso... não vais morrer por não comeres carne a uma refeição.

A resposta dela foi tão metódica que até parecia que aquela sua decisão ridícula era completamente racional e acertada.

– Ótimo! Portanto, fui excluído. E tu? Estás a dizer-me que a partir de agora vais deixar de comer carne? – Ela acenou com a cabeça. – Ah, sim? E até quando?

– Acho que... para sempre.

Fiquei sem palavras, embora estivesse também consciente de que escolher uma alimentação vegetariana já não era uma coisa tão rara como noutros tempos. As pessoas decidem ser vegetarianas pelas mais variadas razões: por exemplo, na tentativa de alterar a sua predisposição genética para certas alergias, ou porque não comer carne é uma atitude considerada mais amiga do ambiente. Claro que os monges budistas que fazem determinados votos são moralmente obrigados a não participar na destruição da vida, mas tenho a certeza de que nem sequer as rapariguinhas impressionáveis levam a questão tão a sério. Para mim, os únicos motivos razoáveis para uma pessoa alterar os seus hábitos alimentares são o desejo de perder peso, a tentativa de melhorar certos problemas físicos, ficar possuído por algum espírito maligno ou ter dificuldade em dormir por causa da indigestão. Excetuando qualquer destes casos, só uma questão de pura obstinação podia levar uma mulher a contrariar a vontade do marido, como a minha fizera.

Se me dissessem que ela sempre se sentira ligeiramente nauseada pela carne, eu até compreendia, mas na verdade era

até o contrário – desde que nos casáramos mostrara-se em todas as ocasiões uma cozinheira mais do que competente, e sempre me impressionara o seu jeito para fazer comida. Com uma tenaz numa mão e uma tesoura na outra, ia voltando as costeletas numa frigideira a crepitar ao mesmo tempo que as cortava aos bocadinhos, com os movimentos ágeis de quem estava habituado a fazer aquilo. O segredo da sua carne de porco frita cheirosa e caramelizada era mariná-la numa mistura de gengibre picado com molho de amido glutinoso. O seu prato mais famoso eram fatias de carne de vaca tão finas como bolachas, temperadas com pimenta preta e óleo de sésamo e cobertas depois com uma viscosa tempura de pó de arroz, como se estivesse a fazer bolos ou panquecas de arroz, e por fim mergulhadas num molho borbulhante de *shabu-shabu*. Costumava fazer *bibimbap* com rebentos de feijão, carne picada e arroz previamente demolhado frito em óleo de sésamo. Fazia também uma sopa espessa de pato com batata aos bocados, e um caldo picante de amêijoas e mexilhões, dos quais eu me servia três vezes de uma assentada com todo o prazer.

O que tinha agora na mesa à minha frente era uma desculpa para saltar uma refeição. Com a cadeira afastada da mesa e ligeiramente de lado, a minha mulher foi comendo a sopa de algas, que obviamente devia saber a água e nada mais. Espalhou arroz e massa de soja sobre uma folha de alface, depois enrolou-a, trincou o *wrap* e mastigou-o vagarosamente.

Não conseguia compreendê-la. Só depois é que me apercebi de que não conhecia aquela mulher.

– Não comes? – perguntou distraidamente, lançando a pergunta para o ar como se fosse uma senhora de meia-idade a falar para o filho já crescido. Mantive-me sentado, em silêncio, assumidamente desinteressado daquela miséria

de refeição, mordiscando *kimchi* durante o que pareceu uma eternidade.

*

Chegou a primavera, e a minha mulher ainda não tinha vacilado. Cumpria escrupulosamente a sua palavra – nunca vi um único pedaço de carne passar-lhe pelos lábios – mas havia muito que eu desistira de me queixar. Quando numa pessoa se opera uma transformação tão drástica, não há nada a fazer senão deixar andar.

Ela emagrecia a olhos vistos, de tal forma que as maçãs do rosto se tornaram indecentemente salientes. Sem maquilhagem, a sua tez parecia a de uma doente no hospital. Se tivesse sido apenas mais uma mulher a desistir de comer carne para perder peso, não haveria motivos para preocupação, mas eu estava convencido de que havia algo mais além de um simples caso de vegetarianismo. Tinha de ter algo que ver com aquele sonho de que me falara; só podia ser isso que estava por detrás daquela atitude. Embora, na verdade, ela tivesse praticamente deixado de dormir.

Ninguém podia descrever a minha mulher como uma pessoa particularmente atenciosa – muitas vezes, ao chegar tarde a casa, dava com ela já a dormir. Mas, nos últimos tempos, eu entrava em casa à meia-noite e, mesmo depois de me lavar, de preparar a cama e de me deitar, ela continuava horas na sala sem vir ter comigo. Não estava a ler, não estava num *chat* qualquer na Internet e não estava a ver televisão por cabo pela noite dentro. A única coisa que eu imaginava que ela poderia estar a fazer era a trabalhar nos balões de banda desenhada, mas era praticamente impossível isso levar-lhe tanto tempo.

Só ia para a cama por volta das cinco da manhã e, mesmo assim, eu não poderia afirmar com toda a certeza se ela